



7 A 1: UMA DÉCADA DEPOIS, O QUE APRENDEMOS SOBRE O BRASIL?

7 - 1: A decade later, what have we learned about Brazil?

7 - 1: Una década después, ¿qué hemos aprendido de Brasil?

Geovane Ferreira Gomes¹

Marsiel Pacífico²

Resumo:

Passados dez anos da derrota da seleção brasileira de futebol diante da Alemanha, na semifinal da Copa do Mundo de 2014 pelo placar de 7 a 1, propõe-se compreender a sociedade brasileira a partir da derrota em um jogo de futebol. Por meio de pesquisa bibliográfica, e utilizando como referência principal a sociologia configuracional de Norbert Elias, buscou-se explorar os motivos pelos quais o futebol tem sido negligenciado pelas ciências humanas, a importância do desporto como forma de excitação na modernidade e a maneira como o futebol moderno se desenvolveu, em um processo contínuo de racionalização. Localizado o elemento de análise e utilizando as ideias presentes na teoria de Max Weber, e no conceito de Homem Cordial de Sérgio Buarque de Holanda, percebe-se que o conceito de racionalidade associado à transformação do futebol em business entra em choque com uma representação social do futebol no Brasil, mais propenso ao individualismo do drible do que à coletividade da assistência. Pode-se concluir ainda que o futebol está em configuração social, ou seja, em posição de interdependência com outras esferas sociais, como a política e a mídia.

Palavras-chave: Futebol. Norbert Elias. Racionalidade.

Abstract:

Ten years after the defeat of the Brazilian football team against Germany in the semifinal of the 2014 World Cup by the score of 7 to 1, it is proposed to understand Brazilian society from the defeat in a football match. Through bibliographic research, and using as main reference the configurational

sociology of Norbert Elias, it was sought to explore the reasons why soccer has been neglected by the human sciences, the importance of sport as a form of excitement in modernity and the way modern football has been developed, in a continuous process of rationalization. Locating the element of analysis and using the ideas present in Max Weber's theory, and in the concept of Cordial Man by Sérgio Buarque de Holanda, it is perceived that the concept of rationality associated with the transformation of soccer into business clashes with a social representation of soccer in Brazil, more prone to the individualism of dribbling than the collectivity of the assist. It can also be concluded that soccer is in a social configuration, that is, in a position of interdependence with other social spheres, such as politics and the media.

Keywords: Football. Norbert Elias. Rationality.

Resumen:

Diez años después de la derrota de la selección brasileña de fútbol contra Alemania, en la semifinal del Mundial de 2014 por marcador de 7 a 1, proponemos comprender la sociedad brasileña a partir de la derrota en un partido de fútbol. A través de una investigación bibliográfica, y utilizando como principal referente la sociología configuracional de Norbert Elias, buscamos explorar las razones por las cuales el fútbol ha sido descuidado por las ciencias humanas, la importancia del deporte como forma de excitación en la modernidad y la forma en que el fútbol moderno se ha desarrollado en un continuo proceso de racionalización. Localizado el elemento de análisis y utilizando las ideas presentes en la teoría de Max Weber y en el concepto de Hombre Cordial de Sérgio Buarque de Holanda, queda claro que el concepto de racionalidad asociado a la transformación del fútbol en negocio choca con una dimensión social. representación del fútbol en Brasil, más proclive al individualismo en el regate que a la asistencia colectiva. También se puede concluir que el fútbol se encuentra en una configuración social, es decir, en una posición de interdependencia con otras esferas sociales, como la política y los medios de comunicación.

Palabras clave: Fútbol. Norbert Elias. Racionalidad.

Introdução

Dez anos já se passaram desde o dia 8 de julho de 2014, quando a seleção brasileira sofreu uma derrota histórica para a Alemanha na semifinal da Copa do Mundo. O placar de 7 a 1 foi considerado pelo estatístico Nate Silver (2014) como o “resultado mais chocante da história da Copa do Mundo”, especialmente pelo favoritismo brasileiro apontado em suas análises.

Independentemente do erro do modelo estatístico utilizado, o resultado do jogo trouxe consequências simbólicas. Enquanto na Alemanha foi publicado um livro com 90 capítulos, um para cada minuto do jogo para celebrar a vitória (MAGALHÃES, 2018), no Brasil, um dos efeitos da derrota perante a Alemanha foi o uso cotidiano do placar do jogo como metáfora humorística para qualquer situação desagradável. Notícias estampadas na mídia, tais como “Brasil leva um 7 x 1 na Educação” (CIDADE EDUCADORA, 2014), ou frases nas redes sociais como “é outro 7 a 1”, referindo-se a problemas sociais diversos, se popularizaram. A rigor, o 7 a 1 virou piada em vez de tragédia (BERNARDO, 2024).

A derrota da seleção brasileira suscita uma questão interessante: seria possível se valer desse evento para compreender melhor o próprio Brasil? Dito de outra maneira, variáveis relacionadas à partida de futebol entre Brasil e Alemanha trazem de maneira subjacente elementos que permitam o entendimento do que é o Brasil, enquanto corpo social?

Para responder a essa questão, analisaremos o futebol sob uma perspectiva histórica e sociológica, com base nas obras de Eric Hobsbawm, Norbert Elias e Eric Dunning. Apresentaremos a sociologia configuracional de Elias, que indica um processo civilizacional na história ocidental e, por conseguinte, no próprio futebol. Para aprofundar essa análise, utilizaremos o conceito de racionalização de Weber, apropriado por Sérgio Buarque de Holanda para construir o tipo ideal do “Homem Cordial”, uma forma de representação do povo brasileiro.

Em seguida, traremos elementos que colocam em posição antinômica a maneira como o futebol foi desenvolvido no Brasil e na Europa, na tentativa de localizar o elemento capaz de sintetizar a direção e o sentido que o jogo tem assumido, a fim de contrapô-lo à dinâmica da sociedade nacional.

Inicialmente, apresentaremos dados históricos que destacam a importância cultural do futebol, buscando compreender por que ele tem sido negligenciado como objeto sociológico.

Futebol: história, configuração e racionalização

Talvez seja um exagero afirmar que o esporte em geral, incluindo o futebol, tenha sido totalmente negligenciado pelos autores das ciências sociais. Bourdieu (1978) se dedicou ao tema, indicando a possibilidade de se utilizar o esporte de maneira estatística, para verificar, por exemplo, ocupação, nível educacional, idade e sexo dos participantes, para pesquisar como o desporto poderia afetar relacionamentos sociais.

De qualquer forma, é escassa a literatura, ao menos entre os clássicos das ciências sociais, quando o assunto é o esporte. Dunning (1992a) indica que, a rigor, o esporte não era considerado um assunto sério para ser tratado pela sociologia.

Para Dunning (1992a), tratar um tema a partir de seu caráter irracional e muitas vezes centrado na esfera das emoções, como é o esporte, parece não seduzir estudos sociológicos. Além do mais, por estar mais relacionado ao indivíduo e, portanto, relacionado ao lazer, ao corpo e ao prazer e, por consequência, não econômico, estaria distante das áreas nobres da sociologia, como o trabalho, a política, ou o Estado. É, portanto, visto como vulgar.

Vale considerar, ainda, que o futebol, junto com o consumo de peixe e batatas fritas e o uso do boné de pala, emergiu como pilar na construção da identidade da classe trabalhadora

inglesa no final do século XIX. O “*fish and chips*” surgiu por volta de 1860, enquanto o boné, immortalizado mais tarde pelo personagem Andy Capp³, ainda não era um símbolo operário tão difundido nas décadas de 1870 e 1880. No entanto, em 1914, tornou-se onipresente na iconografia da classe trabalhadora, assim como o futebol, que consolidou seu papel como elemento unificador e distintivo da classe operária inglesa (HOBSBAWM, 2000).

A consolidação da cultura do futebol na Inglaterra ocorreu no final do século XIX, intensificando-se com a profissionalização do esporte e o estabelecimento da liga em 1888. A presença do rei na final do campeonato em 1913 consolidou essa cultura. As rivalidades entre cidades, presentes até hoje, refletem a identificação dos trabalhadores com seus times locais, espelhando a localização das cidades industriais. O futebol dominava as conversas nos *pubs*, reforçando seu papel na cultura operária da época (HOBSBAWM, 2000).

Vê-se, portanto, que o futebol está presente nas ciências sociais com temáticas relevantes, conforme demonstrado no caso da classe operária inglesa. Entretanto, como buscamos localizar parâmetros que permitam analisar uma sociedade a partir do futebol, é necessário identificar teorias que inserem o futebol num contexto social mais amplo e imbricado a um conjunto maior de instituições. Norbert Elias nos fornece esses elementos. A escolha de Norbert Elias e Eric Dunning para esta discussão não se baseia apenas em critérios epistemológicos, mas também na tentativa de identificar, por meio do futebol, se a derrota para a Alemanha nos permite identificar alguma marca fundamental do povo brasileiro. Nesse sentido, os autores defendem que o esporte, em uma sociedade cada vez mais voltada ao controle das emoções, atua como importante elemento de promoção de excitação. É fundamental destacar que Elias e Dunning (1992a) referem-se a uma forma específica de excitação: aquela agradável e com baixo risco de morte, buscada pelos indivíduos como forma de liberação das limitações impostas pela vida em sociedade, distinta, portanto, da excitação proveniente de guerras ou relacionamentos amorosos.

Elias e Dunning (1992a) observam que as festividades religiosas já não constituem o principal espaço de liberação individual. Segundo os autores, essa função passou a ser desempenhada pelas atividades de lazer. No entanto, as teorias que dividem o tempo entre trabalho e lazer simplificam a complexidade do tempo livre, do qual o lazer é apenas uma parte. Outras atividades, como o repouso e a interação social, também compõem esse tempo, sem se enquadrarem nas categorias de trabalho ou lazer. Para superar essa limitação conceitual, Elias e Dunning propõem o jogo como uma das possibilidades de experiência do tempo livre, capaz de proporcionar excitação prazerosa.

Segundo Elias e Dunning (1992a), a excitação nesse contexto de atividade de lazer, como ir a um jogo de futebol, pode proporcionar uma catarse, ou seja, a liberação de sentimentos

desagradáveis, o que acaba funcionando como uma espécie de medicamento de cura do espírito, sem o risco que uma excitação perigosa e indesejada pode trazer.

Elias e Dunning questionam a ideia de que o lazer seja meramente um apêndice do trabalho, com a finalidade de aumentar a produtividade. Em contraposição a essa perspectiva, percebe-se que os autores se opõem às visões de inspiração marxista, que entendem o esporte como instrumento de dominação burguesa e a busca pela vitória como uma forma de alienação manifesta no contexto desportivo (DUNNING, 1992b).

O esporte se caracteriza como um alívio de tensões e, por conseguinte, necessário. Diante disso, é preciso localizar sua gênese. A referência são jogos da antiguidade. Elias (1992) traz que, ao se fazer a comparação entre os jogos da Grécia Antiga e o desporto atual, tende-se, em geral, a privilegiar a visão de que são parecidos. Elias, ao contrário, opta por acentuar as diferenças na maneira como o esporte é vivenciado nesses dois períodos históricos. O elemento fundamental de diferenciação é a violência.

Elias (1992) afirma que os jogos da antiguidade eram mais rudes que os praticados hoje. Mesmo em esportes violentos, como o boxe atual, a comparação com o análogo grego, o pancrácio, uma espécie de luta, mostra o quão diferentes são. Enquanto o boxe é regido por regras específicas, incluindo o tempo de duração do combate, e possui federações que o regulam, no pancrácio, ainda que, aparentemente, “morder e arrancar os olhos” (p. 202) fosse proibido, há registros históricos que indicam que esses limites eram regularmente ultrapassados levando os competidores à morte.

Engana-se, entretanto, que Elias (1992) considere essas práticas incivilizadas. Ao contrário, entende que avaliações desse tipo são etnocêntricas e alicerçadas em juízos de valor, sendo, portanto, limitadas. Olhando a questão de maneira ampla, percebe que esse comportamento é representante do *ethos* próprio de toda cultura clássica grega, como se a violência dos combates e a beleza da arte grega fossem parte da mesma configuração.

Platão materializa esse *ethos*, afinal, foi participante e acumulou vitórias nas festividades desportivas, além de ser um dos maiores representantes da filosofia grega. A beleza dos corpos masculinos presente na arte grega e a violência das disputas são, portanto, exteriorizações de um mesmo elemento, e diferentes da maneira como o desporto é realizado atualmente (ELIAS, 1992).

Elias (1992) indica que a transformação do esporte de algo violento para algo civilizado na forma como temos hoje não foi algo planejado ou desejado: foi o resultado de um longo processo histórico. O mesmo ocorreu com o futebol.

Registros do século XIV revelam a prática de um protofutebol, ancestral do futebol e do rugby, tão violento que levava o Rei a ordenar a prisão de seus praticantes. Ossos quebrados, narizes feridos, janelas danificadas e desordem generalizada eram consequências frequentes dessas partidas. Tais episódios permitem questionar as teorias sociológicas da solidariedade, que se concentram em uma visão idealizada de harmonia social, ignorando a violência presente em manifestações populares como o esporte. Um exemplo disso ocorreu no século XVI, quando estudantes de Cambridge foram violentamente agredidos com bastões durante uma partida de “futebol” contra seus adversários, sendo forçados a fugir para escapar da surra (ELIAS; DUNNING, 1992d).

Ainda no século XIX, o futebol permanecia violento. Os pontapés foram formalmente criticados em 1863, a ponto de terem sido proibidos, ainda que com discordâncias a esse respeito. Nesse processo histórico de modelagem, mais regras foram sendo criadas, como a do impedimento e a do chute inicial. No início da partida, um dos arranjos táticos permitidos era o 4-2-4, com quatro jogadores na defesa, dois no meio-campo e quatro no ataque, configurando a posição dos jogadores em campo no momento inicial da partida (ELIAS; DUNNING, 1992c).

Mas o conceito de sociologia configuracional que Elias usa para analisar a sociedade, e também o futebol, transcende a estrutura ou o arranjo posicional de jogadores em campo. Configuração, na teoria de Elias, demanda inter-relacionamentos e interdependência entre todos os envolvidos no jogo, criando uma dinâmica própria que oscila entre tensão e colaboração, exigindo autocontrole dos indivíduos como em qualquer outra esfera da sociedade, tal como uma igreja ou o próprio Estado. A sociologia de Elias não observa instituições como entidades abstratas desprovidas de indivíduos em seu interior, mas o contrário: “[...] as configurações de indivíduos não são nem mais nem menos reais do que os indivíduos que as formam” (ELIAS; DUNNING, 1992c, p. 290), ou seja, “Os indivíduos apresentam-se sempre em configurações e estas são sempre formadas por indivíduos” (p. 291).

É nesse ponto que a sociologia configuracional de Elias se encontra com sua teoria da civilização. Segundo Dunning (1992a), essa teoria se baseia em cinco pilares interligados: i) a formação do Estado, com a centralização política e o monopólio do uso da violência; ii) o aumento na densidade das relações sociais, o que leva as pessoas a construírem redes de interdependência; iii) a “democratização funcional”, traduzida como uma forma de equilíbrio de poder entre grupos socialmente distintos, facilitando a interação social; iv) a pressão social pelo refinamento do comportamento e o autocontrole emocional, incluindo a sexualidade e a agressividade; e, por fim, v) a primazia do superego no controle do comportamento. Entende-se

que, estando imbricados, esses pilares explicam como as sociedades caminham em direção a uma maior civilização, com indivíduos interdependentes e autocontrolados.

O futebol, enquanto configuração, acaba sendo impactado pelo processo de civilização. Destaca-se, sobretudo, uma racionalidade voltada ao resultado, que pode ser observada na transformação do papel do drible. Por volta de 1860 e 1870, o “drible, um gesto individual, era o elemento fulcral do futebol” (ELIAS; DUNNING, 1992c, p. 294), mas ao final do século XIX sofreu uma desvalorização em relação ao passe para o companheiro em melhor posição. É, portanto, do século XIX, a ideia tão disseminada hoje, que a assistência, ou seja, o passe para o gol, é tão, ou até mais importante que o drible, que muitas vezes pode ser improdutivo.

De facto, sem a capacidade de tomar decisões com rapidez, um indivíduo não pode ser um bom jogador. Mas, muitas vezes, o jogador tem de decidir entre a necessidade de cooperar com os outros membros para o benefício da equipa e a de contribuir para a sua reputação pessoal e progresso (sic) (ELIAS; DUNNING, 1992c, p. 294).

Diversos fatores justificam essa mudança, entre eles: a formalização do futebol como esporte de competição, o crescimento da rivalidade e a necessidade de pagar para assistir às partidas. Essa nova configuração social do futebol envolve atores distintos, como atletas, torcedores e dirigentes, intensificando as relações de interdependência entre eles (ELIAS; DUNNING, 1992c). Além disso, observa-se uma crescente racionalização do esporte, na qual a busca pela vitória se torna tão importante quanto a excitação proporcionada pelo jogo.

O espaço deste texto não nos permite promover uma discussão entre os escritos de Elias e Max Weber, mas não é possível dissociá-los, afinal, a ideia de centralização do Estado alicerçado no controle da violência e a tendência à racionalização estão presente nos escritos dos dois autores.

Weber (2004) era pessimista com relação ao problema da racionalização da vida contemporânea, pelo fato de isso produzir um mundo desencantado. Esse desencantamento do mundo é representado como uma vestimenta coberta com uma crosta de aço que impede a ação livre das pessoas. Mas teria sido essa racionalização, presente no ascetismo dos protestantes calvinistas, o que permitiu ao capitalismo embrionário se transformar em força cultural na modernidade.

Observa-se, portanto, que a racionalização presente na formação do Estado moderno e na religião também atingia o futebol. A valorização da assistência em relação ao drible assemelha-se à influência do ascetismo protestante no desenvolvimento do capitalismo moderno. Nesse sentido, assim como o ascetismo protestante enfatizava a disciplina, a poupança e o trabalho

árido como caminhos para a prosperidade econômica, no futebol a assistência representa a busca pela jogada mais eficiente e objetiva para alcançar o gol.

Esse futebol ascético, caracterizado pela tomada de decisão racional e focado no resultado em detrimento do espetáculo, estaria em consonância com o futebol que praticamos no Brasil? Em outras palavras, seria o brasileiro capaz de abandonar a individualidade e se adaptar à crescente racionalização do esporte, inserido em uma configuração complexa de múltiplos entrelaçamentos e interdependências, em uma configuração que envolve jogadores, dirigentes, torcedores, patrocinadores e mídia em escala global?

Sérgio Buarque de Holanda (1995), em sua metáfora a respeito do Homem Cordial, já indicava que o brasileiro é mais afeito à ação passional que à racional, a ponto de visitantes estrangeiros no século XIX desconfiarem da possibilidade de o austero puritanismo funcionar no país, dado o caráter nacional pouco afeito às obrigações e fortemente assentado na emotividade. Souza (2009), em sua crítica a Holanda, aponta a dificuldade de lidar com a racionalidade instrumental e com a disciplina como marca desse Homem Cordial.

Portanto, localizamos, na história do desenvolvimento do futebol, um elemento que entra em choque com uma das representações construídas a respeito do povo brasileiro: a ideia de que somos imiscíveis com a racionalidade. Assim, o drible, marca pessoal, seria o oposto da assistência, vista como ação coletiva; a magia que o drible proporciona teria o encanto quebrado diante da objetividade voltada à busca pela vitória. A discussão do drible, sua inserção na história do nosso futebol, e a busca pela racionalidade crescente no futebol merecem uma atenção maior.

De Leônidas à Lobanovskyi: quais filosofias entraram em campo no 7 a 1?

O futebol é um fenômeno social e histórico que também expressa a cultura de um povo. Seus aspectos táticos e técnicos, além de suas prevalências específicas que variam entre a força e a habilidade, a vocação defensiva e a ofensividade, a disciplina e a inventividade, dentre tantas outras características do jogo, devem ser compreendidos dentro de um contexto social que remonta às origens identitárias de seu artista principal: seu povo.

No Brasil seleções históricas apostaram em modelos de jogos bem distintos. Em seu folhetim Jogos Inesquecíveis da Seleção, lançado às vésperas da Copa, a Revista Placar define o esquadrão de Telê Santana como “[...] o futebol-arte devidamente atualizado que permitia novamente o reconhecimento da nação nos gramados e dessa forma não faria sentido haver outro desfecho senão o título mundial de 1982” (ROCHA, 2013, p. 66). Mesmo tendo encantado naquele mundial, a derrota brasileira para a Itália de Paolo Rossi provavelmente decretou, por um

longo período, “o fim da escola brasileira de se jogar com encanto” (GARCIA, 2018). Os aplausos efusivos dos jornalistas ao derrotado Telê Santana evidenciavam dois aspectos: por um lado, a ode ao estilo brasileiro de jogar futebol e, por outro, a compreensão de que a excelência técnica já não era garantia de vitória.

O modelo brasileiro permitiu que a seleção canarinho fosse sinônimo de qualidade futebolística. Entre as Copas de 1950 a 1982, com raras exceções, o Brasil apresentou ao mundo a versão mais estética e refinada no modo de jogar futebol. Mas, se nos remontarmos à origem desse modelo, será notório que o genoma do futebol oriundo da *terra brasilis* “desde as origens, é alegre, sorridente, impertinente e refratário à autoridade” (WILSON, 2016, p. 149).

Na primeira fase histórica do esporte em território nacional, entre os anos de 1890 e 1910, o caráter excludente dos clubes associativos, que detinham os espaços e equipamentos adequados para o jogo, fez com que a população das classes sociais inferiores replicasse o esporte bretão de forma adaptada: em vez da bola de couro, bola de trapo; em vez do gramado, o chão batido da rua. Tais características demarcaram uma concepção totalmente diferente do jogo, baseada em habilidades individuais e não convencionais, necessárias para quem quisesse ser bem-sucedido naquelas condições (WILSON, 2016, p. 150).

Do espaço improvisado, o futebol brasileiro se fez e, de forma transgressiva, invadiu o modo de jogar britânico, replicado nos clubes associativos, especialmente nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os trejeitos inventivos e uma certa indisciplina tática nascidos nas ruas e de suas adversidades foram se consolidando como forma de ser do futebol brasileiro e já estavam presentes na primeira partida da seleção nacional em Copas do Mundo. No torneio de 1930 sediado no Uruguai, nossa primeira performance – uma derrota por 2 a 1 contra a Iugoslávia – foi descrita como um jogo onde “O Brasil foi individualmente mais inteligente, mas inferior coletivamente” (GLANVILLE, 2001 *apud* WILSON, 2016, p. 154)

A marca desse futebol também pode ser expressa em seus craques. Nesse sentido, o atacante Leônidas da Silva guarda características que podem categorizá-lo como primeiro grande ídolo do futebol brasileiro (SILVA, 2019). Filho de um marinheiro português com uma cozinheira, Leônidas foi um menino preto, pobre e periférico que começou a prática do futebol em São Cristóvão, nas peladas jogadas na Ponte dos Marinheiros na década de 1920 (NUNES, 2022). Posteriormente, foi ídolo e campeão no Rio de Janeiro e em São Paulo, além de sempre apresentar grandes performances com a camisa da seleção brasileira. Pelos clubes em que passou, colecionou 7 títulos estaduais, 5 torneios interestaduais e 3 Campeonatos Brasileiros de Seleções Estaduais, tornando-se um dos maiores jogadores de todos os tempos da história do Clube de Regatas Flamengo e do São Paulo Futebol Clube (RIBEIRO, 2000). Pela seleção canarinho, o

Diamante Negro (alcunha dada para Leônidas) marcou 21 gols em 19 jogos, além do título de melhor jogador da Copa do Mundo de 1938 (RIBEIRO, 2000), onde o Brasil garantiu seu primeiro pódio nas competições. A identidade, a origem social, o futebol de rua, o perfil vencedor, o apelido, o protagonismo no Rio de Janeiro e em São Paulo, além do destaque com a camisa da seleção, são componentes suficientes para a idolatria de Leônidas da Silva, como destacou Nelson Rodrigues, que o descreveu como um jogador “cheio de fantasia, improvisação, juventude e sensualidade que marcaram todos os grandes jogadores brasileiros” (WILSON, 2016, p. 168).

Todavia, dois lances específicos marcam o caráter de brasilidade do ídolo. Primeiramente, o Diamante Negro aproveitou-se do tempo chuvoso, terreno lamoso e das meias pretas que se confundiam com as chuteiras para fazer um gol descalço contra a Polônia, na Copa de 1938, sem que o árbitro percebesse. O gol, que pela regra deveria ter sido anulado, ajudou o Brasil na vitória por 6 a 5 sobre os poloneses – confronto que contou com 3 gols de Leônidas (NSF DROPS, 2011) e foi a materialização futebolística daquilo que o antropólogo Roberto DaMatta (1997), em sua análise sobre as raízes do Brasil, definiu como *jeitinho*. Por fim – e mais famoso – é o lance em que o atacante faz um gol de bicicleta. O improviso demonstrado pela primeira vez no futebol brasileiro em uma partida do Campeonato Carioca de 1932 causou tamanho estranhamento pela exuberância técnica que, quando repetido na Copa do Mundo de 1938, foi anulado pelo juiz da partida (NUNES, 2022).

O DNA da inventividade, do enfrentamento às normas e da aposta nas jogadas individuais, especialmente o drible, contrastou com a revolução do futebol científico protagonizada pelo soviético Valeriy Lobanovskyi. Dividindo esforços entre a carreira como jogador e sua formação universitária em engenharia do aquecimento no Instituto Politécnico de Kiev, Lobanovskyi vivenciou o duelo da representação do jogo:

[...] sua parte jogador queria driblar, carregar a bola, inventar truques que deixassem os rivais envergonhados, mas, mesmo assim, como ele admitiria mais tarde, o treinamento que recebia no Instituto Politécnico o impulsionava a uma abordagem sistemática, cuja meta seria dividir o futebol entre as tarefas que o compunham [...] Mas o ponto que Lobanovskyi achou realmente fascinante foi a noção de que os subsistemas estavam sujeitos a uma peculiaridade: a eficiência do subsistema é maior do que a soma das eficiências dos elementos que o compõem. [...] Ele concluiu que o futebol tinha menos a ver com os indivíduos e mais com as conexões formadas entre eles (WILSON, 2016, p. 306).

Após abandonar suas duas carreiras iniciais, a de jogador e a de cientista, Lobanovskyi assumiu a função de treinador do Dnipro Dnipropetrovsk em 1969, na segunda divisão do futebol soviético (WILSON, 2016, p. 307). Com o tempo, sua aversão ao protagonismo das

individualidades e sua formação científica o levaram a implantar métodos de treinamento e desenvolvimento pessoal completamente inéditos no futebol mundial.

A primeira inovação foi a incorporação ao *staff* de Anatolij Zelentsov, então reitor do Instituto de Ciências Físicas de Dnipropetrovsk e especialista em bioenergética (LYONS, 2017). Com seu repertório, Zelentsov e Lobanovskyi desenvolveram treinos que levaram o time a um patamar físico inédito, o que permitiu a implantação de um modelo de jogo baseado no *pressing* ou pressão sem a bola (BRAUN, 2013, p. 235). Essa inovação trazida ao futebol aprofundou sua compreensão como um esporte dividido em fases específicas, mas igualmente importantes: com e sem a bola.

Após seis temporadas, o precursor do futebol científico foi contratado por um time de primeiro escalão dentro do cenário soviético: o Dynamo de Kiev. Em um estágio mais maduro de sua carreira, mas ainda assim um jovem de 34 anos, Lobanovskyi acreditava que, “[...] para ganhar títulos, o que acontecia fora do campo em termos de preparação física e, especialmente, reabilitação, era tão importante quanto o que acontecia dentro” (WILSON, 2016, p. 310). A compreensão do impacto na performance decorrente de aspectos comportamentais fora de campo, como bons hábitos alimentares, sono e repouso, trouxe ao futebol científico um nível de detalhamento que esmiuçava cada vez mais toda e qualquer variável presente nas performances individuais e coletivas.

No Kiev seu *staff* foi ampliado: além do próprio Lobanovskyi, Zelentsov ganhou a responsabilidade de desenvolver treinamentos físicos específicos para cada jogador; Mykhaylo Oshemkov tinha o cargo de “suporte de informação” e era responsável por produzir e analisar dados estatísticos do adversário, da equipe e dos jogadores; e, por fim, Bazylevich era um auxiliar focado nos aspectos técnicos do jogo (WILSON, 2016, p. 310). A incorporação de novas *expertises* baseadas em processos e métodos racionais, com destaque a Oshemkov, pioneiro daquilo que hoje conhecemos como análise de desempenho, mostra o grau de vanguarda do trabalho de Lobanovskyi.

Na Copa de 2014, a Alemanha contava com um coordenador de área, o suíço Urs Siegenthaler, além de 50 pesquisadores (Neher, 2014) que trabalhavam junto à Federação Alemã de Futebol desde 2005. A comissão técnica do Brasil contava com apenas um analista de desempenho, incorporado apenas um ano antes da competição. Se a Alemanha investia no trabalho de longo prazo e na racionalização, o Brasil, por outro lado, apostava nas místicas figuras de Scolari e Parreira, como a atualização momentânea da aposta no salvador da pátria. Como explica Pondé (A Reinvenção do Futebol Arte, 2018), tal saída populista apresenta

soluções simples para problemas complexos, além de ter como mote um resíduo de pensamento mítico e do culto da figura do herói.

A construção de uma metodologia de treino físico individual de Lobanovskyi evoluiu, posteriormente, para um treino tático também pensado sob medida. Nele, cada jogador recebia tarefas e objetivos específicos, de acordo com a sua função no sistema tático:

No centro de treinamento do Dynamo eram penduradas listas de exigências de Lobanovskyi para os jogadores. Das catorze obrigações defensivas, quatro diziam respeito à distribuição da bola e ao estabelecimento de posições de ataque quando ela fosse recuperada. Não existia a possibilidade de simplesmente chutá-la para o outro lado do campo, porque isso significava devolvê-la ao adversário e, conseqüentemente, continuar se defendendo. As treze exigências para os atacantes tratavam, além da pressão para tentar recuperar a bola no campo do adversário, de demandas por movimentação e da busca por maneiras de transferi-la de áreas do campo que o rival tivesse muitos jogadores (WILSON, 2016, p. 311).

Por fim, a partir dos dados de Oshemkov, o mesmo treinamento passou a incluir variáveis externas, como o adversário e a época da temporada.

O legado do futebol científico transcendeu os inúmeros títulos de Lobanovskyi. Seu trabalho centrado no coletivo, no conhecimento científico, na racionalização dos procedimentos e no controle das variáveis se espalhou por toda a Europa, dando origem à profissionalização das diversas áreas do futebol. Por outro lado, a cultura futebolística que antagoniza esforço e talento continua fazendo do Brasil o país que acredita nas soluções mágicas e na individualidade.

Em 2000, os alemães criaram um programa de desenvolvimento de jovens, que revelou jogadores locais que depois seriam a base da seleção campeã mundial de 2014. No mesmo ano, após embate entre a Confederação Brasileira de Futebol e os principais clubes nacionais, o campeonato brasileiro de futebol quase não ocorreu, sendo substituído às pressas pela polêmica Copa João Havelange. Tal campeonato, que homenageou um dirigente corrupto, propiciou a ascensão de um time da terceira divisão para a primeira, teve a sua final disputada entre times de divisões distintas, além da superlotação no estádio quase gerar uma tragédia sem precedentes no Brasil, demandando a remarcação do jogo.

Nos últimos 20 anos, o futebol se tornou um negócio cada vez mais racional. Um *business*. A identificação de superatletas cada vez mais precoces, a transformação dos campeonatos europeus em máquinas de fazer dinheiro – a ponto de o campeonato brasileiro ter de alterar seu sistema, aumentando sua duração para se tornar economicamente viável – e a utilização de esquemas táticos que exigem preparação física individualizada e aprimorada dos atletas são apenas alguns aspectos que evidenciam essa crescente racionalização.

Um exemplo que ilustra a dimensão que a racionalidade assumiu no futebol foi a crítica de Paul Breitner, ex-jogador da seleção alemã e então dirigente de futebol, aos gramados dos estádios brasileiros um ano antes da Copa do Mundo, considerando-os impróprios para a prática do bom futebol (ZALIVI, 2013).

Em 2014, a seleção alemã, herdeira do legado do futebol científico, apostava em uma geração oriunda de um projeto de longo prazo, com metodologias e procedimentos orientados pelo conhecimento de vanguarda, com especial destaque para a Escola Superior de Esportes da Alemanha. O Brasil, por sua vez, apresentava o herdeiro de Leônidas, nosso craque Neymar, com seus malabarismos e gestos geniais, além das figuras salvadoras de Felipão e Parreira na comissão técnica, sem contar, é claro, com a fé de nosso povo na essência do futebol brasileiro, cristalizado por André Rizek naquele tweet que envelheceu tão mal: “Coragem, Felipão! O meio-campo da Alemanha não marca muito. Escala o Willian. Deixa os 3 volantes para depois. Joga sem medo. **Como Brasil** (sic)” (RIZEK, 2014, grifo dos autores). Tudo o que queríamos era jogar como o Bruxo. Ou como o Divino.

Considerações Finais

O que tentamos demonstrar neste trabalho é a importância do futebol como elemento de análise e comparação sociológica. Vejamos outros exemplos, que ficam como inspiração para futuros trabalhos.

Tomemos a divisão política do Brasil de 2024. Utiliza-se o termo “Fla-Flu”, que remete à rivalidade entre os times de futebol Flamengo e Fluminense, para explicar a polarização política de maneira análoga a uma guerra de torcidas. Esse exemplo é particularmente útil por reforçar a ideia de que a paixão tem sido sobreposta à razão na discussão política, em detrimento do senso de responsabilidade e proporção que deveriam caracterizar o ator político, como aponta a teoria de Weber (2010).

A recente mudança entre jornalistas esportivos, que agora revelam abertamente seus times de preferência, ilustra a crescente intersecção entre futebol e política e levanta questões éticas relevantes. Ao declarar sua torcida por um determinado time, o jornalista pode se mostrar mais autêntico para a audiência, que passa a compreender melhor seu ponto de vista. No entanto, ao se colocar na posição de torcedor e garantir uma audiência cativa, o jornalista corre o risco de privilegiar seu clube em detrimento de outros, deixando de apresentar informações relevantes e comprometendo a imparcialidade do jornalismo esportivo; afinal, a paixão clubística pode influenciar a transmissão da informação.

A mídia tradicional parece seguir o mesmo caminho. Ao assumir abertamente uma posição política, seja de direita ou esquerda, jornais e revistas criam um nicho informacional que reforça as visões de seu público, atraindo pessoas que compartilham das mesmas ideias. Essa prática, ao dispensar a necessidade de equilibrar as perspectivas e dosar o espaço dedicado a diferentes pontos de vista, compromete a diversidade de informações e representa um risco à democracia.

Isso nos remete ao conceito de configuração de Elias, ou seja, toda essa trama que equaliza jornalistas esportivos aos da mídia tradicional está imbricada em configurações mais amplas que nos permitem compreender aquela determinada sociedade. No caso, a brasileira.

Embora estejamos cientes de que a análise da crescente racionalidade do futebol em escala global, contrastada com a dificuldade do Brasil em lidar com a razão instrumental, não esgota a problemática do futebol como campo de atuação das ciências humanas, é inegável que, nos últimos anos, times com gestões racionalizadas, como Flamengo, Fortaleza e Palmeiras, têm obtido resultados mais expressivos do que clubes tradicionais como Santos e Corinthians, que apresentam gestões problemáticas e poucos resultados de destaque.

Percebe-se, ainda, que o futebol, enquanto desporto em escala global, se encontra, conforme vocabulário da teoria de Elias, inserido em uma configuração, ou seja, em interdependência com outras esferas sociais, como a mídia, a política e a economia.

Entendemos que, a partir do momento que o futebol ampliou em escala global seu caráter racional e de *business*, o futebol brasileiro, salvo exceções, permanece em um estágio anterior de racionalidade, e isso tem afetado até a maneira como desenvolve novos talentos. Diante da esperança da alegria propiciada pelo drible, fomos derrotados pela frieza do jogo coletivo. A derrota naquela magnitude para a Alemanha poderia ter sido compreendida dessa forma. Deixamos aqui nossa interpretação do 7 a 1:

O jogo era no Mineirão e contra a Alemanha.
Contra eles, Felipão tinha a manha.
Já tinha ganhado de dois, e sido campeão do mundo.
Sem a necessidade de praticar um jogo imundo.
Bastava ouvir o povo,
E ganhar de novo.
Colocar o menino que tinha alegria nas pernas: o “dibre”, a magia, o encanto.
Do outro lado, havia Schweinsteiger, Khedira e Kroos: a razão, no meio de campo!

Referências:

A Reinvenção do Futebol Arte. Direção: Eduardo Rajabally. Produção: Gullane. Coprodução: ESPN. Roteiro: Gui Stockler. Fotografia Principal: Rodrigo Menck. Montagem: Leon Mosditchian. Narração: Augusto Madeira. 2018. 48 min. Documentário (Filme).

BERNARDO, A. Por que 7x1 para Alemanha na Copa de 2014 virou piada e não tragédia? **BBC News Brasil**, 7 jul. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cevwgxdwkdyyo> . Acesso em: 05 out. 2024.

BOURDIEU, P. Sport and Social Class. **Social Science Information** (SAGE, London and Beverly Hills), v. 17, n. 6, 1978. (pp. 819-840).

BRAUN, H-J. “Soccer Tactics as Science? On ‘Scotch Professors’, a Ukrainian Soccer Buddha, and a Catalan Who Tries to Learn German.” **Icon**, vol. 19, 2013, p. 216–43. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/23788126>. Acesso em: 1 out. 2024.

CIDADE EDUCADORA. Brasil leva um 7 x 1 na Educação. **Revista Cidade Educadora**, 10 set. 2014. Disponível em: <https://cidadeeducadora.net/noticias/educacao/brasil-leva-um-7-x-1-na-educacao/> . Acesso em: 05 out. 2024.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 7. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUNNING, E. Prefácio. In: ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a.

ELIAS, N.; DUNNING, E. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A dinâmica dos grupos desportivos — uma referência especial ao futebol. In: ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992c.

ELIAS, N.; DUNNING, E. O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos. In: ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992d.

ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GARCIA, G. Há 36 anos, Brasil chorava com a queda no Sarriá da seleção que jogava por música. **GE**, Blogs. 05 jul. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/serra-lagos-norte/blogs/blog-do-gustavo-garcia/post/2018/07/05/ha-36-anos-brasil-chorava-com-a-queda-no-sarria-da-selecao-que-jogava-por-musica.ghtml> . Acesso em: 20 set. 2024.

HOBBSAWM, E. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LYONS, K. Anatolij Zelentsov. **Keith Lyons**, 12 nov. 2017. Disponível em: <https://keithlyons.me/2017/11/12/anatolij-zelentsov/> /. Acesso em: 15 set. 2024.

MAGALHÃES, G. Livro alemão defende 7 a 1 na Copa como jogo do século. **Folha de S. Paulo**, Caderno de Esportes, 26 mar. 2018.

- NEHER, C. Alemanha tem equipe de 50 pesquisadores para analisar rivais na Copa. **DW**. 2014. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-tem-equipe-de-50-pesquisadores-para-analisar-rivais-na-copa/a-17512499> . Acesso em: 15 set. 2024.
- NSF Drops. A Copa já teve até gol descalço, e foi de um craque brasileiro. **YouTube**, 11 set. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VFvgSQkAMDA> . Acesso em: 27 set. 2024.
- NUNES, C. Leônidas, o craque negro que foi o autor do 1º gol de bicicleta da história. **Terra**, Nós, 01 dez. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/leonidas-o-craque-negro-que-foi-o-autor-do-1-gol-de-bicicleta-da-historia,c9254ef19e24a5a30a901d8625704c22w3c7n5b7.html> . Acesso em: 27 set. 2024.
- RIBEIRO, A. **Diamante Eterno**: biografia de Leônidas da Silva. São Paulo: Gryphus, 2000.
- RIZEK, A. Coragem, Felipão! O meio-campo da Alemanha não marca muito. Escala o Willian... **Twitter**. 2014. Disponível em: <https://x.com/andrizek/status/486284339106562048> . Acesso em: 15 set. 2024.
- ROCHA, M. F. N. **Em busca do feitiço perdido**: a revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corinthiana (1979-1984). Orientador: Flavio de Campos. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01102014-171650/publico/2013_MaxFilipeNigroRocha_VOrig.pdf . Acesso em: 24 set. 2024.
- SILVA, D. M. M. da. **Futebol e cultura visual**: a construção da figura do craque. Marcos Carneiro de Mendonça e Leônidas da Silva (1910-1942). 2019. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- SILVER, N. The Most Shocking Result in World Cup History. **FiveThirtyEight**, 8 jul. 2014. Disponível em: <https://fivethirtyeight.com/features/the-most-shocking-result-in-world-cup-history> . Acesso em: 05 out. 2024.
- SOUZA, J. Como o senso comum e a “brasilidade” se tornam ciência conservadora?. In: SOUZA, J. et al. **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEBER, M. A política como vocação. In: WEBER, M. **Ciência e Política – duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 2010.
- WILSON, J. **A pirâmide invertida**: a história da tática no futebol. Trad. André Kfourir. Campinas: Grande Área, 2016.
- ZALIVI, M. Paul Breitner da aula de futebol no Programa “Bola da vez” da ESPN Brasil. **Rapadura Blog**. 15 abr. 2013. Disponível em: <https://orapadura.blogspot.com/2013/04/paul-breitner-da-aula-de-futebol-no.html> . Acesso em: 06 out. 2024.

Notas:

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Adjunto na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Professor do ProfSocio - Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (UEMS); Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ciências Sociais - NEPECS (UEMS). E-mail: geovane@actto.com.br / <https://orcid.org/0000-0002-1901-9794>

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Adjunto na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Professor Permanente do PROFEDUC Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PROFEDUC/UEMS). Líder do Grupo de

Pesquisa TCEducS – Teoria Crítica Educação e Sociedade (UEMS) e Líder do Grupo de Pesquisa NeuroPraPe (Neuroeducação e as Práticas Pedagógicas (UEMS). E-mail: marsiellp@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-2013-2073>.

³ Zé do Boné no Brasil.